

## Os objetos e o espaço da EEB Bom Pastor: aspectos pedagógicos da cultura material escolar (Chapecó/SC, décadas de 1940 e 1960)

*The objects and the space of EEB Bom Pastor: pedagogical aspects of school material culture (Chapecó/SC, 1940-1960)*

Tatiane Modesti

 <https://orcid.org/0000-0001-8660-1154>

Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo analisar o espaço escolar da EEB Bom Pastor, em Chapecó/SC entre as décadas de 1940 e 1960, buscando perceber como o espaço e os objetos que o compunham estavam voltados para o pedagógico. Para isso, considera-se o prédio escolar como organização do espaço, analisando a estrutura arquitetônica no contexto histórico e em relação ao desenvolvimento urbano local; além das salas de aula pensadas como organização para o saber; e na sala de ciência e no museu escolar, como espaços e objetos de saber. São utilizadas como fontes os relatórios do Grupo Escolar Bom Pastor, além de imagens e objetos constantes no memorial e arquivo da escola. Esse estudo parte do referencial teórico-metodológico da cultura material, a partir de Souza, Escolano, Frago, dentre outros. Dessa forma, foi possível compreender que o espaço e os objetos formam uma associação pedagógica e, assim, a escola se transforma em um lugar de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Escola. Cultura Material. Espaço. Objetos.

**Abstract:** This article aims to analyze the school space of the EEB Bom Pastor, in Chapecó/SC between the decades of 1940 and 1960, searching to perceive how the space and the objects that composed that space turned into pedagogical ones. For that, the school building is considered as an organization of the space, analyzing the structure architectural in the historical context and relation to the local urban development; beyond the classrooms conceived as an organization for knowledge; and in the science room and the school museum, as spaces and objects of knowledge. The reports of the school group Bom Pastor are used as sources, as well as images and objects contained in the school's memorial and archive. This study starts from the theoretical-methodological framework of material culture, from Souza, Escolano, Frago, among others. This way, it was possible to understand that the space and the objects form a pedagogical association and thus the school itself is transformed into a learning place.

**Keywords:** School. Material Culture. Space. Objects.

### Introdução

A cultura material estuda objetos concretos, os quais têm uma finalidade e um significado na sociedade à qual pertencem. O material se relaciona com a cultura no sentido que eles expressam modos de ser, pensar e agir de indivíduos numa sociedade. Dessa forma, por meio dos estudos da cultura material, os objetos, além de constituírem uma fonte para estudos da história como vestígios do passado, eles próprios tornam-se objetos de investigação, pois possibilitam um olhar para os sujeitos que utilizavam tais objetos.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Na educação, é possível pensar no material ligado à cultura. Os objetos da escola tornam-se documentos a serem problematizados e contextualizados, e possibilitam a reconstrução dos processos de escolarização e das sociabilidades desenhadas pela escola. Assim, podemos perceber, como aponta Escolano (2012, p. 11-12), que a escola é um lugar de produção de cultura. Mas pensar uma cultura escolar implica também observar as “relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular” (JULIA, 2001, p. 10).

Para Souza (2007, p.180), a cultura material compreende “um amplo programa de pesquisa e demanda refinamento conceitual, teórico, analítico e a exploração de um conjunto significativo de fontes de pesquisa, incluindo necessariamente fontes materiais (os próprios artefatos)”. A autora percebe que através “da articulação entre saberes, práticas e materiais escolares é que se concretiza o fazer pedagógico que está no cerne da compreensão do funcionamento interno da escola e de sua função no tempo e espaço sócio-histórico”.

A cultura material escolar pode ser compreendida também como as formas de tecnologia pensadas para o pedagógico, desde a constituição de materiais didáticos, até a composição de mobiliários e adequações do espaço escolar. Dessa forma, a cultura material escolar investiga os objetos da escola, pois o estudo dos utensílios pedagógicos ou quaisquer artefatos utilizados em sala de aula, ou que constituem o espaço escolar, auxiliam na compreensão dos modos de ser, fazer ou agir. Mais do que isso, os objetos da escola possibilitam um olhar para os processos de ensino/aprendizagem e na constituição da escola como espaço cultural.

Assim, este artigo visa apresentar uma reflexão sobre os aspectos pedagógicos da cultura material escolar, no sentido de perceber a “materialidade do espaço significada pelos objetos que o compõe” (SILVA; PETRY, 2012, p. 22), em um grupo escolar da cidade de Chapecó/SC, entre as décadas de 1940 e 1960, hoje EEB Bom Pastor. Para isso, o que se segue está dividido em duas partes: a primeira tem um intuito de mostrar que escola é essa, que lugar é esse; e como esse lugar/escola se insere no contexto local, relacionado com as discussões educacionais que tratam da organização estrutural da escola como parte da pedagogia moderna. A segunda parte direciona o estudo para os espaços e objetos de saber, na sala de ciências e no museu escolar, procurando perceber os espaços e os objetos de forma articulada no processo de ensino/aprendizagem.

### **A arquitetura e a organização do espaço escolar: o Bom Pastor e o desenvolvimento urbano em Chapecó/SC**

A arquitetura escolar ganhou destaque nas primeiras décadas do século XX, pois o espaço escolar passou a ser pensado como um local de socialização, controle e disciplina, com uma função educacional que refletia os ideais de civilização e progresso do período.

Para Faria Filho (1998) o espaço escolar produz uma forma de cultura escolar. O autor entende que há uma articulação entre o espaço escolar e o espaço urbano, percebida a partir da modernização urbana de Belo Horizonte no início do século XX. A construção dos primeiros grupos escolares está associada aos projetos urbanos e ao ideário republicano, de forma que a escola acabava colaborando para as modificações de comportamentos e costumes, produzindo novas formas culturais.

No seu conjunto, o espaço escolar, materializado no prédio do grupo, bem

como nas suas divisões e subdivisões internas, no seu afastamento da casa e na sua separação da rua, produziu, tanto quanto foi produto, de uma nova forma e cultura escolar que, em seu movimento de constituição, foi o palco e a cena de apropriações diversas, produzindo e incorporando múltiplos significados para um mesmo lugar projetado pela arquitetura escolar (FARIA FILHO, 1998, p. 14).

No final do século XIX, a construção de prédios escolares perpassava a ideia de higiene e moral (FRAGO, 1998). Ao passo que no início do século XX a escola aparece associada ao planejamento urbano. Nessa perspectiva, como aponta Escolano (1998), a arquitetura escolar em si já é pedagógica, pois ela revela formas culturais. Os alunos aprendem modos de ser, formas de agir, entendimentos sobre o mundo e a sociedade, dada a forma do projeto arquitetônico.

A arquitetura escolar pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que seja, por si mesma, bem explícita e manifesta. A localização da escola e suas relações com a ordem urbana das populações, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende (ESCOLANO, 1998, p. 45).

Em Santa Catarina os primeiros grupos escolares republicanos surgiram a partir da mesma lógica de modernização urbana que orientava as transformações nas grandes capitais como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, além da inspiração europeia. A Reforma Vidal Ramos, de 1911, foi considerada a primeira grande reforma do ensino catarinense e alterou toda a estrutura de ensino, no tocante a organização, seriação, métodos e instituições. Foi estabelecida por essa reforma a seguinte estrutura no ensino público em Santa Catarina: Escola Normal, Escola Complementar, Grupo Escolar<sup>1</sup>, Escola Isolada e Escola Reunida (FIORI, 1975).

Além disso, foram construídos prédios próprios para abrigar os grupos escolares, sendo os primeiros criados entre 1911 e 1913, que são: Grupo Escolar Conselheiro Mafra, em Joinville; Grupo Escolar Jerônimo Coelho, em Laguna; Grupo Escolar Lauro Muller, em Florianópolis; Grupo Escolar Vidal Ramos, em Lages; Grupo Escolar Silveira de Souza em Florianópolis; Grupo Escolar Vitor Meirelles, em Itajaí, e Grupo Escolar Luiz Delfino, em Blumenau.

Esses grupos escolares representavam o que havia de mais moderno na educação do período e entrelaçavam-se nas transformações urbanas e no ideário republicano. Segundo Silva (2006, p. 181), os primeiros grupos escolares de Santa Catarina foram inaugurados para funcionar como “vitrines da República”, com grandes e suntuosos prédios, mas que “expunham um produto que não estava à venda; deveria ser reverenciado, admirado, mas estava disponível para poucos”.

A imponência dos prédios dos grupos escolares era um dos retratos da Primeira República, que pretendia afirmar a ascensão de uma classe social – uma elite urbana que se destacava politicamente no cenário nacional. Segundo Nóbrega (2003, p. 258), o grupo escolar era um novo tipo de escola “tipicamente urbano e, apesar de se apresentar como uma escola popular, se destinou, na prática, na maioria dos casos, aos filhos das camadas

---

<sup>1</sup> Nele os alunos eram divididos de acordo com a faixa etária e grau de estudos, diferentemente das escolas isoladas, em que um mesmo professor ensina a vários alunos, com graus diferentes de adiantamento escolar, em uma mesma sala de aula (FIORI, 1975).

médias em ascensão no período e, em muitos casos, aos filhos das elites”. Ainda, de acordo com o autor, a expansão do ensino catarinense, na Primeira República, caracterizou-se por atingir mais significativamente os núcleos urbanos das cidades mais populosas e economicamente mais ativas do estado, em virtude do pacto oligárquico com as elites regionais (NÓBREGA, 2006).

No Oeste catarinense não se observou a criação de grupos escolares durante a Primeira República. O primeiro grupo escolar de Chapecó data de julho de 1941, conforme decreto nº 998, publicado no Diário Oficial, entrando oficialmente em funcionamento no ano de 1942.<sup>2</sup> É preciso levar em consideração que a região Oeste foi objeto de disputa com o estado do Paraná até 1917<sup>3</sup>, o que pode ter impedido que ali se estabelecessem políticas públicas, especialmente as educacionais.

A partir da década de 1930 percebe-se a intenção de construir Chapecó como uma cidade moderna. Alguns fatores colaboraram para isso, como a fixação definitiva da sede municipal em Chapecó<sup>4</sup>, a colonização da região, o desenvolvimento industrial, agrícola e comercial, bem como algumas políticas varguistas, a exemplo da “Marcha para Oeste”<sup>5</sup>, além da política nacionalista.

A criação de grupos escolares e a expansão das escolas isoladas no Oeste catarinense, durante a Era Vargas, fizeram parte da vinculação de um projeto educacional ao projeto nacionalista, bem como da intenção de constituição do Estado/Nação, sendo um dos objetivos o desenvolvimento do país (MODESTI, 2011).

A escola passou a ser vista em Chapecó como promotora do progresso, compreendia-se que, “junto à instrução viria o tão sonhado ‘desenvolvimento’, a tão sonhada ‘civilização’” (VIEIRA, 2000, p. 96). Nessa perspectiva, os grupos escolares colocam-se ainda como símbolo do moderno e do urbano, sendo importante para Chapecó ter um grupo escolar para ser uma cidade moderna (MODESTI, 2011). Assim, a cidade conquistou seu primeiro grupo escolar no início da década de 1940, mas nesse período não se construíam mais “palácios” para abrigá-los, de modo que o padrão arquitetônico e estético de um grupo escolar da Primeira República acabava sendo diferente daqueles da Era Vargas.

As imagens a seguir referem-se ao Bom Pastor<sup>6</sup>. Neste mesmo espaço funcionou o

---

<sup>2</sup> Esse grupo escolar entrou em funcionamento inicialmente com o nome de Coronel Fernando Machado. Em 1948, consta no jornal local uma certa confusão quanto à denominação da escola, conhecida como Grupo Escolar Estadual General Bormann, denominação retificada para Marechal Bormann, conforme Decreto 3.639, de 6 de novembro de 1946 (MARECHAL BORMANN, 1948).

<sup>3</sup> Após a resolução da disputa territorial com a Argentina, em 1895, a região passou a ser disputada judicialmente entre o Paraná e Santa Catarina, em meio a isso ocorreu o conflito conhecido como Contestado. É preciso ressaltar o caráter complexo deste conflito, ocasionado por um conjunto de fatores sociais, políticos e culturais e desencadeado pela expulsão dos caboclos de suas terras (à medida que a Ferrovia São Paulo-Rio Grande avançava), pela decadência comercial da região, antigo caminho de tropas, pela colonização estrangeira, pela influência do movimento federalista e de práticas coronelistas diferenciadas, pelo discurso religioso que se propagava na região e pela própria disputa política das terras entre os estados, sob discussão jurídica (MACHADO, 2004).

<sup>4</sup> O município de Chapecó foi criado pela Lei nº 1147, de 25 de agosto de 1917, mas somente em 1931 a sede da comarca e do município foi fixada em Passo dos Índios (região onde se encontra a atual cidade de Chapecó).

<sup>5</sup> Durante o Estado Novo (1937-1945), Vargas lançou a campanha “Marcha para Oeste” para assegurar a nacionalidade no interior do país e em regiões de fronteira. Esse discurso tinha também um objetivo econômico: desenvolver o interior, fixar o homem no campo e fazer com que essas regiões contribuíssem para o crescimento do país. Dentre as medidas, destacam-se os incentivos ao povoamento, como a criação de colônias agrícolas, além de condições estruturais para a permanência desse homem no interior, com a abertura de estradas, escolas, hospitais, órgãos públicos, e uma indústria ligada ao campo. Segundo Lopes (2002, p. 111), “Dentro do espírito da nacionalização e no contexto da ‘Marcha para Oeste’, a ocupação das fronteiras deveria atender à urgente necessidade de estabelecer e desenvolver, rápida e racionalmente, as condições mínimas de nacionalização, de organização social, econômica e de segurança das regiões fronteiriças [...]”.

<sup>6</sup> EEB Bom Pastor é a nomenclatura atual da escola, mas não está em funcionamento no prédio da imagem, embora o edifício em alvenaria ainda exista, com outras mudanças estruturais.

Jardim de Infância, o Grupo Escolar, o Ginásio, o Curso Normal Regional e a Escola Normal.



Figura 1: Primeiro prédio da EEB Bom Pastor, de 1947<sup>7</sup>.

Fonte: EEB Bom Pastor. Acervo Interno das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora. Chapecó/SC.

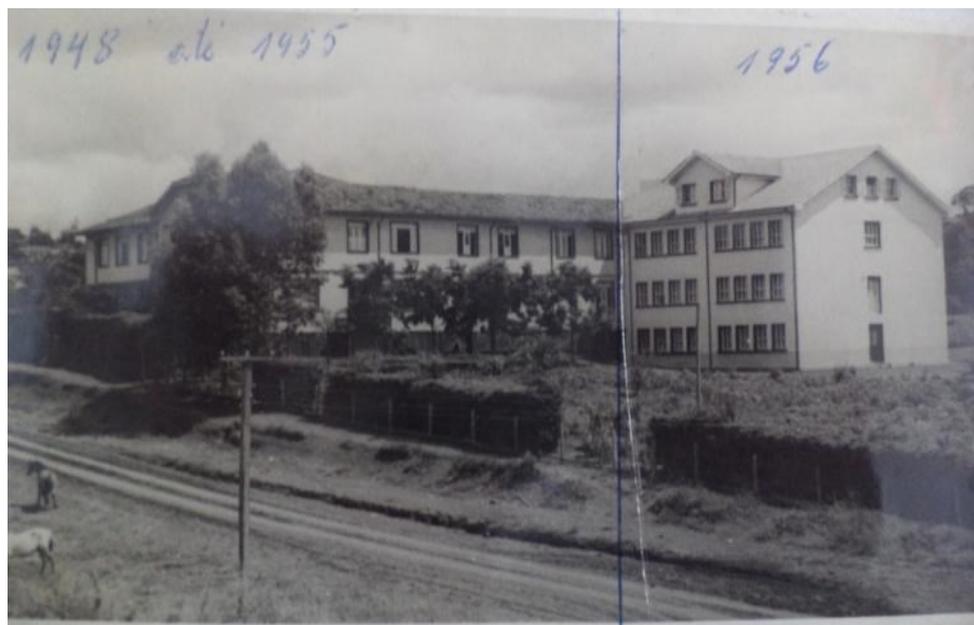


Figura 2: Ampliação do prédio escolar.

Fonte: EEB Bom Pastor. Acervo Interno das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora. Chapecó/SC.

O Grupo Escolar Bom Pastor foi fundado em 1947, inicialmente como uma escola particular regida pela Congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora. O primeiro prédio do Bom Pastor era de madeira, incluindo instalações para o Jardim de Infância e o Grupo Escolar, que contava com o regime de internato feminino. As

---

<sup>7</sup> As interpretações técnicas e informações subjetivas das imagens são de responsabilidade da autora do artigo.

modificações na estrutura ocorreram rapidamente e no final da década de 1950, quando o Grupo Escolar já pertencia ao Governo do Estado de Santa Catarina (público, mas ainda regido pelas irmãs); o prédio havia sido ampliado e a construção nova era de alvenaria.

É possível observar nas imagens um padrão arquitetônico que difere daqueles grupos escolares da Primeira República. Gonçalves (2012, p. 33-34) explica que a construção dos primeiros grupos escolares em Santa Catarina representa o ideário republicano e a pedagogia moderna, científica e positivista. Ao passo que um segundo grupo de escolas, entre as décadas de 1930 e 1960, representa o ideário da Escola Nova e o pensamento político de modernização do Brasil para a formação da Nação. Neste período, a ampliação da rede escolar era necessária, com o mínimo de gastos e o máximo de rendimento. Portanto, as características arquitetônicas das escolas do segundo grupo mudam, pois são orientadas com outra lógica de pensamento. “Na concepção escolanovista, o espaço escolar influenciaria muito o caráter da criança. Neste sentido, o prédio escolar passa a ser revalorizado, defendendo-se que o mesmo deveria situar-se em locais arejados e longe da fuligem e barulho das fábricas e do tráfico intenso.” (GONÇALVES, 2012, p. 43).

Ainda, segundo Gonçalves (2012, p. 28), a arquitetura escolar é “parte do cenário material da escola e também medeia os modos e conteúdos de ensinar e aprender”; a arquitetura escolar aparece como uma “dimensão material e simbólica das culturas escolares”. O que se observa, nas escolas construídas entre os anos de 1930 e 1960, é que “os prédios escolares deveriam levar em conta os critérios de simplicidade, padronização e economia”. (GONÇALVES, 2012, p. 52).

Em 1950, o relatório do grupo escolar descreve a seguinte estrutura: “o prédio é construído de madeira, de dois andares, coberto de telhas e pintado a óleo” (RELATÓRIO, 1950, p. 01). Já no relatório apresentado ao governo do estado em 1964, consta que “o prédio todo é de alvenaria. As partes de madeira foram demolidas para manter a segurança contra incêndios” (RELATÓRIO, 1964, p. 01). O Bom Pastor foi uma escola que passou por muitas mudanças em sua estrutura, na sua fundação era uma escola de madeira, logo em seguida foi reformado e transformado em um prédio de alvenaria, além de sofrer muitas ampliações.

Ainda, o relatório de 1965 descreve a seguinte estrutura da escola:

[...] o prédio ocupa uma área de 1500 m<sup>2</sup>. O restante do terreno é destinado a pátios, jardim e uma pequena horta. Os pátios estão em 3 planos: no 1º estão o campo de Educação Física e a maior parte do prédio. Uma espaçosa área coberta faz a ligação de dois prédios. O 2º é destinado ao recreio dos alunos do Primário. No 3º plano, fica o campo de jogos com uma área coberta. O prédio destinado ao Ensino fica no segundo plano. No andar térreo ficam 5 salas de aula destinadas a atender a 10 classes do Curso Primário, em dois turnos [...]. No primeiro andar ficam as salas destinadas ao Ginásio e Ginásio Normal. No 2º andar as salas para o Colégio Normal, pela tarde, e para o Primário, no período da manhã. As demais classes do Primário funcionam num pavilhão ao lado, também de alvenaria (RELATÓRIO, 1965).

O planejamento arquitetônico da escola era visto como necessário para o processo de ensino/aprendizagem, idealizado para adequar o ensino às novas metodologias pedagógicas no início do século XX. Assim, era necessário pensar na disposição e tipos das salas de aula de acordo com os aspectos espaciais do prédio. O projeto deveria levar em consideração a iluminação, calefação, ventilação e higiene, mas também as carteiras e sua disposição.

Para os diferentes métodos de ensino havia uma forma de organização do espaço e dos objetos, incluindo o tipo de carteira mais utilizada, estando associadas a higiene, a disciplina, o conforto e a aprendizagem. As carteiras ainda são um objeto fundamental para o ensino, aponta Castro (2009, p. 98).



Figura 3: Sala de aula, 1960.

Fonte: EEB Bom Pastor. Acervo Interno das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora. Chapecó/SC.

A imagem anterior é de uma sala de aula do Grupo Escolar Bom Pastor, de 1960. Observa-se na lateral da sala um aparelho de rádio e outros equipamentos tecnológicos utilizados durante a aula. Não é somente o espaço, mas sim o espaço com seus objetos que orientam a prática pedagógica. Assim, a partir dos anos de 1930, os grupos escolares deixam de ser “vitrines” da República para tornarem-se modelos da renovação do ensino, no qual os objetos e o espaço integram o processo de ensino/aprendizagem centrado no aluno.

### **Os objetos e espaços: a sala de ciências e museu escolar no Bom Pastor**

A ampliação da composição material da escola primária, como prédios, material didático e mobiliário, acontece com o desenvolvimento da Pedagogia Moderna, no século XIX, período em que houve uma necessidade de se pensar na escolarização das massas e na expansão da indústria (SOUZA, 2007, p. 163).

As Exposições Pedagógicas, realizadas a partir da década de 1850, tinham como intuito demonstrar o que havia de mais moderno na educação. Plantas de prédios, móveis, materiais didáticos, configuraram-se produtos da indústria e passaram a representar o avanço educacional de um país (SOUZA, 2007, p. 164).

Do surgimento da lousa no século XVIII ao uso do computador no final do século XX, dos bancos às carteiras individuais, da instalação dos primeiros museus e laboratórios nas escolas primárias no século XIX às diferentes proposições de salas ambiente no decorrer do século XX, a composição material da educação escolar evidencia a incessante busca pela racionalização da escola como organização e as tentativas de tornar o

ensino mais produtivo e eficiente, as aulas mais motivadas e atrativas e a educação mais moderna (SOUZA, 2007, p. 165).

Essa relação do objeto escolar com o consumo está extremamente ligada ao desenvolvimento da indústria, ao avanço do capitalismo e à escolarização das massas. A mudança nos padrões de consumo do final do século XIX e início do século XX também afetaram a escola, pois houve o desenvolvimento de uma indústria e um comércio vinculados à escola, como a imprensa pedagógica, o mobiliário escolar e a confecção de materiais didáticos em grande escala: cadernos, mapas, réguas...

Meda (2015), procurando pensar o desenvolvimento dos estudos da cultura material escolar na Itália, observou dois enfoques nesses estudos: o primeiro pensa o objeto em sua aplicação didática; o segundo observa tal objeto como um produto de consumo, deixando sua aplicação didática quase que em segundo plano. Estes seriam estudos mais ligados à história econômica, por exemplo, pensando como o caderno deixou de ser um objeto artesanal, de produção doméstica, para ser objeto de fabricação industrial.

Essa relação com os cadernos pode ser pensada para demais objetos da escola, tanto em produto de consumo, quanto em aplicação didática, e o desenvolvimento da Pedagogia Moderna contribuiu muito para isso. O Método Intuitivo ou Lições de Coisas transformou as coisas em objetos didáticos. Este método era considerado o que havia de mais moderno na educação do final do século XIX e influenciou muito a educação brasileira, como na compreensão de que os objetos deveriam ser vistos, tocados e desenhados. Conforme Lawn (2013), a finalidade estaria para além da “observação”; buscava-se uma percepção sensorial ampla dos objetos.

Segundo Loresent (2011, p. 103), o Grupo Escolar Bom Pastor mantinha-se ancorado no Método Intuitivo. Isso também em conformidade à legislação estadual que determinava, conforme art. 43, do Decreto n. 3735, de 1946, que “o ensino será dado pelo método intuitivo, recorrendo-se à observação direta da natureza, na escola ou em excursões, e às projeções fixas e cinematográficas e centros de interesse” (SANTA CATARINA, 1946, p. 09 *apud* LORENSET, 2011, p. 103).

Assim, os objetos passaram a fazer parte do cotidiano educativo e por conta disso surgiram os museus escolares. Estes museus tinham por objetivo a prática didática, ou seja, os materiais recolhidos e expostos deveriam ser utilizados pelo professor. Dessa forma, os museus escolares funcionavam como uma espécie de repositório de materiais didáticos para serem utilizados pelos professores e manipulados pelos alunos, o que Law (2013) denomina armários-museus.

Petry (2013), ao estudar os museus escolares catarinenses, faz uma ressalva quanto à função dos museus escolares. Usualmente entende-se por museu um local de guarda e exposição de objetos antigos, com o objetivo de preservar a memória e a história. Mas, para a autora, não é possível determinar uma forma única de museu escolar. Em sua pesquisa foi verificada uma diferença entre Museu Escolar e Museu Pedagógico, além da utilização do termo museu para coleções didáticas e, ainda, sendo denominado museu os armários que guardavam os objetos. Conforme a autora,

Pode-se identificar na literatura pedagógica a presença de três diferentes modelos de museus escolares: o primeiro, seria composto por coisas e objetos do cotidiano das crianças, insetos e pequenos animais, plantas, pedras, produtos alimentares, entre outros, com o intuito de estudar a localidade onde a escola se inseria; o segundo, seria formado por coleções compradas, em muitos casos importadas de empresas especializadas, que continham quadros ilustrativos, amostras “naturais” e peças de anatomia, variando de acordo com o fornecido pelo estabelecimento - estas coleções

prestavam ao ensino de temáticas pré-definidas; já o terceiro modelo seria constituído a partir de amostras doadas por indústrias locais – neste caso, o estudo estaria circunscrito ao tipo de produção de cada empresa (PETRY, 2013, p. 194).

Assim, poderia haver numa escola esses diferentes tipos de museus, um deles ou ambos, mas o que se pode inferir é que eram utilizados, até a década de 1950, para as lições de coisas. Petry (2013), verificou que a partir da década de 1930, os museus escolares aparecem como Associações Auxiliares da Escola, uma nova configuração dada pelo Departamento de Educação. As fontes utilizadas pela pesquisadora não demonstraram a existência de museus escolares no Oeste catarinense.

Nos relatórios do Grupo Escolar Bom Pastor não constam descrições de museu escolar como uma Associação Auxiliar da Escola, mas um museu escolar é descrito no relatório da escola em 1948, que traz a seguinte informação:

#### Museu

Objetos existentes no início do ano: [19]25 pedras maiores, 80 pedras pequenas, 15 conchas maiores, 100 conchas pequenas, 7 cobras em álcool, 10 insetos em álcool, 14 cascas de ovos, 15 fotografias, 18 paisagens brasileiras.

Objetos adquiridos ou confeccionados durante o ano: a arco e 2 fechas dos índios de Chapecó, 2 vegetais petrificados, 1 coleção de madeiras de Chapecó, 1 álbum de paisagem brasileira, 1 álbum de paisagens estrangeiras, 1 álbum de agricultura do Brasil, a álbum de curiosidades, a álbum sobre economia doméstica, 1 álbum sobre puericultura, 1 coleção de fotografias sobre o município de Chapecó - indústria, comércio, paisagens -, 1 coleção de folhas – herbário (RELATÓRIO, 1948).

Observa-se na citação que a palavra museu faz parte da descrição e os objetos configuram materiais para fins didáticos, mas não é possível neste momento afirmar por que a existência de um museu escolar em Chapecó não constava nos relatórios estaduais e se, no momento de sua criação, ele ocupava uma sala própria ou dividia o espaço da sala de aula, tipos esses descritos na pesquisa de Petry (2013).

Mas, é possível levantar a hipótese de que os objetos do museu escolar do Bom Pastor fazem referência ao acervo didático da escola, destinados ou distribuídos nas Associações Auxiliares, como Biblioteca, Clube Agrícola, Pelotão de Saúde ou outra, de acordo com a finalidade da associação e o tipo do material, ou ainda, que os objetos didáticos foram alocados em laboratórios, visto que a escola contava com uma sala de ciências e uma sala de geografia nas décadas de 1950 e 1960. Esses espaços podem ser compreendidos como locais em que toda a composição e organização material se voltava para o ensino/aprendizagem dessas disciplinas específicas.



Figura 4: Sala de ciências, 1960.

Fonte: EEB Bom Pastor. Acervo Interno das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora. Chapecó/SC.



Figura 5: Sala de ciências, 1960.

Fonte: EEB Bom Pastor. Acervo Interno das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora. Chapecó/SC.

As imagens anteriores são da sala de ciências da década de 1960. Pode-se observar um acervo de animais em taxidermia e, segundo informações da escola, muitas peças foram produzidas pelas próprias irmãs franciscanas que fundaram o Bom Pastor.

A taxidermia passou a ser uma atividade importante na constituição dos Museus de História Natural a partir do século XVIII, sobretudo no final do século XIX. Para Lopes (2009), os museus contribuíram para a institucionalização das Ciências Naturais no Brasil. Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, no início do século XIX, várias peças

trazidas da corte precisaram ser realocadas em museus, havendo uma contribuição no desenvolvimento da atividade científica. Segundo Lopes (2009, p. 16), “o ideal de construção do Museu Nacional do Rio de Janeiro – se associa às primeiras iniciativas europeias de constituição da História Natural como ciência moderna”.

Integraram também a contribuição do Museu Nacional ao processo de institucionalização das Ciências Naturais não só a especialização das diversas áreas de conhecimento ou profissionalização dos naturalistas, como também as iniciativas em torno da educação em Ciências Naturais no país (LOPES, 2009, p. 328).

Para a autora o Museu Nacional funcionava também como uma escola demonstrativa que, no século XIX, atuou junto à Escola Militar no Rio de Janeiro (LOPES, 2009, p. 329). Assim observa-se uma atividade pedagógica nos museus, que pode ser ligada às escolas de ensino superior, mas também ao ensino primário, ginásial e colegial nos séculos XIX e XX.

Assim, pode-se compreender que as peças taxidermizadas fazem parte do desenvolvimento científico do período e são utilizadas didaticamente em relação ao método intuitivo. Esses materiais continuaram a fazer parte de museus escolares em Santa Catarina, durante toda a primeira metade do século XX, como demonstraram Schlickmann e Silva (2012, p. 116).

No caso do Bom Pastor, percebe-se que o acervo de taxidermia era abrigado na sala de ciências, constando ainda vidros e materiais provavelmente utilizados em estudos práticos de química, e também mapas do corpo humano. Dessa forma, pode-se compreender que havia uma intersecção entre o método intuitivo e a Escola Nova nas escolas catarinenses na primeira metade do século XX, observada na presença de museus escolares.

Sganderla e Carvalho (2020), ao estudarem os programas de ensino da Escola Normal Superior Vocacional em Santa Catarina, no final da década de 1930, constataram que “os conhecimentos da Escola Nova não significaram o esquecimento do método intuitivo que orientava a educação catarinense, desde 1911” (SGANDERLA; CARVALHO, 2020, p. 19). A partir disso é possível supor que essa intersecção estivesse ancorada nos cursos de formação de professores, mas é necessário aprofundar o estudo no corpo docente do Bom Pastor.

Lorenset (2011, p. 75) explica que a sala de ciências do Bom Pastor era pouco utilizada no ensino primário, ocupada geralmente pelo ginásio masculino, mas isso não inviabiliza seu valor enquanto espaço de saber, visto que a existência do espaço em si já é pedagógica, ao possibilitar um retrato cultural do período, bem como tornar possível representações dos indivíduos na sua singularidade. Afinal, alguém que estudou em uma escola criada na primeira metade do século XX não lembra dos animais preservados naqueles vidrinhos dos laboratórios de ciências? Dos esqueletos ou das espécies em taxidermia? Nunca sonhou com os corredores, escadas, porões e sótãos? A impressão que temos e o que lembramos da escola e dos seus objetos fazem parte das manifestações culturais que influenciaram as ideias pedagógicas de um tempo, e os significados que atribuímos configuram nossa aprendizagem. Assim é na transformação do espaço em lugar em que aprendemos.

## Conclusões: o que dizer sobre os espaços e os objetos?

[...] espaços aos quais lhes dessem  
sentido fazendo deles um lugar.  
Antonio Viñao Frago

Para Frago (1998, p. 61), “a ocupação do espaço, sua utilização, supõe sua constituição como lugar”. Os espaços podem ser construídos, mas o lugar é dado pela significação daquele espaço. Frago continua, “a escola pois, enquanto instituição ocupa um espaço e um lugar. Um espaço projetado ou não para tal uso, mas dado, que está ali, e um lugar por ser um espaço ocupado e utilizado”.

Este artigo buscou apresentar uma reflexão sobre os aspectos pedagógicos da cultura material escolar, a partir de um grupo escolar da cidade de Chapecó/SC, entre as décadas de 1940 e 1960, hoje EEB Bom Pastor. Primeiramente, a análise concentrou-se no prédio da escola enquanto constituição do espaço, evidenciando características arquitetônicas que diferem dos grupos escolares criados em Santa Catarina durante a Primeira República. Dessa forma, percebe-se que o padrão ancorava-se na funcionalidade didática do espaço, como proposto pela Escola Nova, não mais na representação estética, como uma “vitrine” da República, embora não estivesse dissociado do moderno.

Assim, tratou-se da organização projetada nas repartições físicas contextualizadas com as ideias pedagógicas, sobretudo do método intuitivo e da Escola Nova, em espaços como sala de aula, sala de ciências e museu escolar, em que os objetos demonstram permanências e intersecções de métodos pedagógicos. Além disso, compreende-se que os objetos transformam o espaço de uma escola em um lugar de aprendizagem, pois possibilitam significações e representações. Aquilo que lembramos e sentimos é o que nos faz aprender, portanto um espaço de saber não é só um espaço, mas sim um lugar.

## Fontes

ACERVO INTERNO DAS IRMÃS FRANCISCANAS MISSIONÁRIAS DE MARIA AUXILIADORA. *Crônicas*. Chapecó/SC. Acesso conferido em 17/05/2022.

ARQUIVO DA EEB BOM PASTOR. *Relatório do Grupo Escolar Bom Pastor*, 1948. Chapecó/SC.

ARQUIVO DA EEB BOM PASTOR. *Relatório do Grupo Escolar Bom Pastor*, 1950. Chapecó/SC.

ARQUIVO DA EEB BOM PASTOR. *Relatório do Grupo Escolar Bom Pastor*, 1965. Chapecó/SC.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. *Jornal A Voz de Chapecó*. n. 205, 17 out. 1948. p. 02.

## Referências

CASTRO, Raquel Xavier de Souza. *Das cadeiras às carteiras escolares individuais: entre mudanças e permanências na materialidade da escola primária catarinense (1836-1914)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2009.

ESCOLANO, Agustín. Las materialidades de La escuela (a modo de prefacio). In: GASPAR DA SILVA, Vera Lucia; PETRY, Marilia Gabriela (orgs.). *Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura escolar* (Santa Catarina – Séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012, p. 11-18.

ESCOLANO, Agustín. Arquitetura como programa: espaço, escola e currículo. In: FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p. 19-57.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões. *Revista da Faculdade de Educação*, vol. 24. n. 1, p. 141-159, 1998.

FIORI, Neide Almeida. *Aspectos da evolução do ensino público: ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos Imperial e Republicano*. Florianópolis: UFSC, 1975.

FRAGO, Antonio Viñao. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p. 59-136.

GONÇALVES, Rita de Cássia. A arquitetura como uma dimensão material das culturas escolares. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; PETRY, Marilia Gabriela (orgs.). *Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura escolar* (Santa Catarina – Séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012, p. 27-62.

JULIA, Dominique. Cultura Escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, p. 09-43, 2001.

LAWN, Martin. Uma pedagogia para o público: o lugar de objetos, observação, produção mecânica e armários-museus. Tradução: David Antonio da Costa; Gustavo Rugoni de Sousa. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 14, n. 26, jan./jun. 2013, p. 222-243. <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723814262013222>. Acesso em 15/09/2016.

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil Descobre a Pesquisa Científica: Os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Editora Hucitec / Editora Universidade de Brasília, 2009.

LOPES, Sérgio. *O Território do Iguazu no contexto da “Marcha para Oeste”*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

LORENSET, Odimar. *Em nome de Deus e da Elite: dispositivos disciplinares para a distinção no Grupo Escolar Bom Pastor (1947-1961)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2011.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*. Campinas: UNICAMP, 2004.

MEDA, Juri (2015). A ‘história material da escola’ como fator de desenvolvimento da pesquisa histórico-educativa na Itália. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 7-28, 2015. Título original: La «historia material de la escuela» como factor de desarrollo de la investigación histórico - educativa en Italia. Traduzido por Ademilde S. Sartori, com revisão técnica de Gizele de Souza e Vera Lúcia Gaspar da Silva. Disponível em [http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816302015007/pdf\\_36](http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816302015007/pdf_36). Acesso em 15/09/2016.

MODESTI, Tatiane. *A Escola Pública Primária em Chapecó: nacionalização e modernização entre o rural e o urbano (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

NÓBREGA, Paulo de. Grupos Escolares: modernização do ensino e poder oligárquico. In: DALLABRIDA, Norberto (org.). *Mosaico de escolas: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2003, p. 253-280.

NÓBREGA, Paulo de. *Poder Oligárquico, Nacionalização e Imigrantes no ensino público: Modernização do Ensino Primário de Santa Catarina (1910-1930)*. Tese (Doutorado em Educação). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

PETRY, Marília Gabriela. *Da recolha à exposição: a constituição de museus escolares em escolas públicas primárias de Santa Catarina (Brasil – 1911 a 1952)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2013.

PETRY, Marília Gabriela. Museu Escolar: o que dizem os inventários. In: GASPARD DA SILVA, Vera Lucia; PETRY, Marília Gabriela (orgs.). *Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura escolar (Santa Catarina – Séculos XIX e XX)*. Florianópolis: Insular, 2012, p. 79-101.

SCHLICKMANN, Karina Santos Vieira; GASPARD DA SILVA, Vera Lucia. Museu Irmão Luiz Gartner: um museu insólito? In: GASPARD DA SILVA, Vera Lucia; PETRY, Marília Gabriela (orgs.). *Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura escolar (Santa Catarina – Séculos XIX e XX)*. Florianópolis: Insular, 2012, p. 103-125.

SGANDERLA, Ana Paola; CARVALHO, Diana Carvalho de. A Escola Nova e o Método Intuitivo nos programas de ensino da Escola Normal Vocacional (1937) em Santa Catarina. *Educação*. Santa Maria, vol. 45, p. 01-24, 2020.

SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Vitrines da República: os grupos escolares em Santa Catarina (1889-1930). In: *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. Uberlândia, MG, 2006. <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/16VeraLuciaGaspardaSilva.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2011.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy (org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 163-189.

VIEIRA, Alexandre Sarda. *A Educação Formal no Velho município de Chapecó (1929-1945)*. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

### Notas de autoria

Tatiane Modesti é doutora em Educação, linha de Sociologia e História da Educação - PPGE/UFSC. Mestre em Educação e graduada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora da área de ciências humanas, com ênfase interdisciplinar em história e sociologia, sobretudo no pensamento social brasileiro e história da educação no Brasil República. Professora de História na rede estadual em Santa Catarina. E-mail: [historiatati@gmail.com](mailto:historiatati@gmail.com)

**Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista**

MODESTI, Tatiane. Os objetos e o espaço da EEB Bom Pastor: aspectos pedagógicos da cultura material escolar (Chapeco/SC, décadas de 1940 e 1960). *Sæculum – Revista de História*, v. 27, n. 46, p. 368-382, 2022.

**Contribuição de autoria**

Não se aplica

**Financiamento**

Não se aplica

**Consentimento de uso de imagem**

Não se aplica

**Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica

**Licença de uso**

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

**Histórico**

Recebido em 30/01/2022.

Modificações solicitadas em 08/03/2022.

Aprovado em 14/04/2022.